

Universidade de Brasília [UNB]
Instituto de Ciências Humanas [IH]
Departamento de Filosofia [FIL]

Corpos em Fluxo
Intersexualidade e Metamorfose

PAULO AFONSO DA ROCHA AGUIAR DE SOUSA

Brasília, 2023

PAULO AFONSO DA ROCHA AGUIAR DE SOUSA

**Corpos em Fluxo
Intersexualidade e Metamorfose**

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília
como requisito parcial para obtenção do Bacharelado em Filosofia

PROFA. DRA. RAQUEL IMANISHI RODRIGUES [ORIENTADORA]

Brasília, 2023

Autorizo a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SS725c Sousa, Paulo Afonso da Rocha Aguiar de
Corpos em Fluxo - Intersexualidade e Metamorfose / Paulo Afonso da Rocha Aguiar de Sousa; orientador Raquel Imanishi Rodrigues. -- Brasília, 2023.
41 p.

Monografia (Graduação - Filosofia) -- Universidade de Brasília, 2023.

1. Intersexualidade. 2. Metamorfose. 3. Franz Kafka. 4. Paul Preciado. 5. Teoria Queer. I. Imanishi Rodrigues, Raquel, orient. II. Título.

PAULO AFONSO DA ROCHA AGUIAR DE SOUSA

**Corpos em Fluxo
Intersexualidade e Metamorfose**

**Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília
como requisito parcial para obtenção do Bacharelado em Filosofia**

BANCA EXAMINADORA

PROFA. DRA. RAQUEL IMANISHI RODRIGUES [ORIENTADORA]

PROF. DR. HERIVELTO PEREIRA DE SOUZA

Dedico este trabalho aos corpos intersexuais que, ao longo da história, foram desfeitos de maneira antinatural em nome de uma norma naturalista. Aos que transgrediram bravamente as fronteiras de gênero e identidade, permanecendo inabaláveis diante das normas e expectativas da sociedade. Aos lutadores incansáveis que, com força silenciosa e determinação feroz, desafiaram as categorizações, se recusando a serem confinados dentro de construções anatômicas ou sociais predefinidas. Este trabalho é um tributo a vocês, um reconhecimento da sua luta e existência. A resistência de vocês não é apenas uma demonstração de coragem, mas também um catalisador crítico que abre caminhos para uma sociedade mais compreensiva e inclusiva. Ainda que por vezes pareçam vãs, as suas batalhas são a base sobre a qual construímos hoje o nosso discurso e apuramos a nossa compreensão em questões de gênero, identidade e intersexualidade.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha mais profunda gratidão à minha mentora e amiga querida, Raquel Imanishi: mais do que uma orientadora excepcional, ela se tornou uma amiga para a vida toda. Por ela pude conhecer Jojo, Tai e Frida, que não apenas me observaram diligentemente, mas também me ofereceram companhia inestimável. Devo um agradecimento especial à minha avó Irene, uma mulher forte do Nordeste, que enfrentou o primeiro divórcio em sua cidade natal e teve que reconstruir a vida na capital. Ela nunca desistiu, seu espírito incansável e sua resiliência são uma fonte constante de inspiração para mim. À minha falecida avó, Rita Ferreira da Rocha Aguiar, uma mulher, negra e de origem pobre, que enfrentou todos os estigmas de uma sociedade dominada por homens por ser uma mulher vigorosa e destemida, agradeço por todos os ensinamentos, afeto e amor. À minha mãe, que sempre esteve à disposição da classe média em serviços domésticos para me proporcionar uma boa educação. Aos amigos de curso, em especial, Alisson Oliveira, Joel Oliveira, Maria Júlia Santos e Rayane Maia. Aos meus professores, que de forma geral contribuíram para minha formação filosófica. A Marilena Chauí, pelo livro *Convite à Filosofia*, que despertou em mim um genuíno interesse pela filosofia.

L'homme est une invention dont l'archéologie de notre pensée montre aisément la date récente. Et peut-être la fin prochaine.

Foucault, *Les mots et les chose*.

RESUMO

Esse trabalho pretende abordar a complexidade da experiência intersexual pela combinação de três perspectivas distintas, que se interconectam pela noção de “metamorfose”: partindo da novela homônima de Kafka, lida aqui como uma “trágica história de família” (uma expressão tomada de Modesto Carone), ele retoma no primeiro capítulo a metamorfose operada pelas técnicas médicas de atribuição de sexo empregadas em bebês e crianças intersexuais, desenvolvidas a partir de meados dos anos 1950, para confrontá-la, no segundo capítulo, com a reviravolta militante do ativismo intersexual e da teoria queer, em particular a formulada pelo filósofo Paul Preciado.

Palavras-Chave: Intersexualidade, metamorfose, Franz Kafka, Paul Preciado, teoria queer.

ABSTRACT

This work aims to address the complexity of the intersex experience by combining three distinct perspectives, interconnected through the concept of “metamorphosis”: beginning with Kafka’s eponymous novella, interpreted here as a “tragic family story” (a term borrowed from Modesto Carone), it revisits in the first chapter the metamorphosis performed by medical sex assignment techniques used on intersex infants and children, developed since the mid-1950s. This is then contrasted, in the second chapter, with the militant shift of intersex activism and queer theory, especially as formulated by the philosopher Paul Preciado.

Keywords: Intersexuality, metamorphosis, Franz Kafka, Paul Preciado, Queer theory.

Sumário

PREÂMBULO	11
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – A experiência intersexual, algumas considerações.	17
CAPÍTULO 2 – Metamorfose intersexual	27
CAPÍTULO 3 – Preciado e a intersexualidade	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

PREÂMBULO

A Metamorfose da Negação para a Aceitação: Uma Jornada Pessoal e Acadêmica¹

Minha jornada até a concepção e realização desta monografia foi, por si só, uma série de metamorfoses, reflexo de uma luta interna que ecoa as transformações profundas discutidas por Kafka em "*A Metamorfose*". Minha adolescência e o início da vida adulta foram marcados por um processo de negação, onde a administração de testosterona foi uma tentativa de encaixar-me em uma identidade de gênero pré-definida, um reflexo da "violência de virilidade" que me atravessou, semelhante às metamorfoses de Ovídio. Este tratamento, longe de ser um processo natural, revelou-se como uma construção social e médica imposta.

A virada de minha narrativa pessoal para o acadêmico ocorreu em 2021, quando, após uma consulta médica reveladora, a intersexualidade me chamou a atenção. Inspirado pelas crônicas de "*Um Apartamento em Urano*" de Paul B. Preciado, comecei a questionar o argumento do "natural" no discurso heterocentrado, percebendo que a intersexualidade desestabiliza essas normas binárias de gênero e sexualidade.

Paul Preciado, em "*Testo Junkie*", argumenta que a noção de gênero, longe de ser uma criação feminista, é um artefato do capitalismo industrial, emergindo das indústrias médicas e terapêuticas dos Estados Unidos no final da década de 1940. Esta perspectiva foi fundamental para o desenvolvimento da minha monografia, pois ilustra como as identidades de gênero são construídas e manipuladas, refletindo não uma essência biológica, mas interesses comerciais e biotecnológicos.

A discussão sobre a intersexualidade e a crítica ao regime farmacopornográfico de Preciado foram centrais na minha pesquisa, destacando como as normativas de gênero são impostas e reforçadas através de práticas médicas e discursos sociais. A análise da metamorfose de Gregor Samsa, como uma representação da alienação e da crise de identidade, oferece um paralelo com as experiências intersexuais, enfatizando a necessidade de repensar e desafiar as concepções tradicionais de gênero e sexualidade.

Minha monografia, portanto, não é apenas um estudo acadêmico sobre a intersexualidade e suas implicações sociais e médicas; é também um reflexo da minha própria metamorfose, da negação para a aceitação de minha identidade. Assim como a metamorfose de Gregor, minha trajetória é um desafio às normas convencionais, uma busca por autenticidade em um mundo que frequentemente exige conformidade.

Através deste trabalho, busquei não apenas contribuir para o campo acadêmico, mas também para uma sociedade mais inclusiva e compreensiva, onde a diversidade de gênero e sexualidade seja reconhecida e celebrada. Minha monografia é um tributo à resistência e à existência daqueles que, como eu, desafiam as categorizações rígidas, buscando viver suas verdades em um mundo que ainda está aprendendo a aceitar a complexidade do espectro humano.

¹ O preâmbulo, neste contexto, refere-se à introdução escrita por mim para a apresentação desta monografia durante a defesa realizada em 15/02/2024.

Além disso, é impossível falar da conclusão desta monografia sem prestar um sincero tributo a Raquel Imanishi, cuja influência transcendeu o acadêmico para tocar o pessoal. Com um olhar aguçado e uma sensibilidade ímpar para os textos, Raquel possuía a extraordinária habilidade de antever as metamorfoses necessárias no meu trabalho, orientando-o com uma precisão e um entendimento que muitas vezes me pareciam ultrapassar minha própria compreensão. Sua orientação não foi apenas técnica, mas profundamente transformadora, guiando-me através dos labirintos teóricos e existenciais com uma paciência e uma perspicácia que iluminaram o caminho para a conclusão deste texto. A Raquel, devo não apenas a qualidade acadêmica desta monografia, mas também um profundo agradecimento por ter sido parte essencial desta jornada de transformação e descoberta.

E nesse ponto de conclusão, é impossível não evocar as palavras de Michel Foucault em *A Ordem do Discurso* (1971)², onde ele destaca:

Preferiria que atrás de mim houvesse (tendo há muito tomado a palavra, dizendo antecipadamente tudo o que eu vou dizer) uma voz que falasse assim: 'Devo continuar. Eu não posso continuar. Devo continuar. Devo dizer palavras enquanto as houver. Devo dizê-las até que elas me encontrem. Até elas me dizerem — estranha dor, estranha falta. Devo continuar. Talvez isso já tenha acontecido. Talvez já me tenham dito. Talvez já me tenham levado até ao limiar da minha história, até à porta que se abre para a minha história. Espantarme-ia que ela se abra.' Há em muitos, julgo, um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo semelhante de se encontrar, de imediato, do outro lado do discurso, sem ter de ver do lado de quem está de fora aquilo que ele pode ter de singular, de temível, de maléfico mesmo. A este querer tão comum a instituição responde de maneira irônica, porque faz com que os começos sejam solenes, porque os acolhe num rodeio de atenção e silêncio, e lhes impõe, para que se vejam à distância, formas ritualizadas. O desejo diz: 'Eu, eu não queria ser obrigado a entrar nessa ordem incerta do discurso; não queria ter nada que ver com ele naquilo que tem de peremptório e de decisivo; queria que ele estivesse muito próximo de mim como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, e que os outros respondessem à minha expectativa, e que as verdades, uma de cada vez, se erguessem; bastaria apenas deixar-me levar, nele e por ele, como um barco à deriva, feliz.' E a instituição responde: 'Tu não deves ter receio em começar; estamos aqui para te fazer ver que o discurso está na ordem das leis; que sempre vigiámos o seu aparecimento; que lhe concedemos um lugar, que o honra, mas que o desarma; e se ele tem algum poder, é de nós, e de nós apenas, que o recebe.'

Este trecho de Foucault encapsula a ambivalência e a luta inerentes ao processo de criação e expressão, ecoando a minha própria experiência de navegar a incerteza, o medo e a esperança na elaboração desta monografia. Assim como Foucault descreve o discurso como algo que deve ser continuado apesar dos obstáculos, minha experiência reflete a persistência necessária para trazer à luz as verdades escondidas da intersexualidade, desafiando as normas e abrindo caminhos para novas histórias serem contadas. Este trabalho, então, não é apenas um tributo àqueles que me guiaram, mas também um convite para todos nós continuarmos a conversa, a despeito e por causa de nossas dúvidas e medos, em busca de um entendimento mais profundo e inclusivo da complexidade humana.

² Foucault, M. (1971). *A Ordem do Discurso*. (Edição original publicada em 1971). Paris: Éditions Gallimard. (Tradução de Edmundo Cordeiro com a ajuda para a parte inicial do Antônio Bento)

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, lançamos mão da noção de metamorfose para explorar de forma multifacetada a complexidade da experiência intersexual. A análise começa retomando o mito de Hermafrodito, tal como narrado por Ovídio, para reler *A metamorfose* de Franz Kafka³ – interpretada aqui, seguindo uma sugestão de Modesto Carone (2011, p. 224), como uma “trágica história de família”. Este ponto de partida literário é a base para o primeiro capítulo, onde investigamos as profundas mudanças trazidas pelas práticas médicas de atribuição de sexo em bebês e crianças intersexuais, desenvolvidas desde a metade do século XX.

No segundo capítulo, avançamos a discussão para a reviravolta militante do ativismo intersexual⁴, examinando como suas vozes desafiam e reconfiguram as normas tradicionais de gênero. Este segmento busca estabelecer uma conexão entre a metamorfose retratada na literatura e as mudanças significativas experimentadas pela comunidade intersexual. O foco é destacar a luta coletiva por reconhecimento e aceitação, mostrando como as experiências dentro dessa comunidade refletem e, simultaneamente, impulsionam alterações nas percepções e normas sociais em relação ao tema.

No último capítulo, por fim, a pesquisa analisa as contribuições de Paul Preciado, um dos principais pensadores da teoria queer, que ao enfatizar a necessidade de desconstruir e reinterpretar as normas de gênero e identidade redimensiona o papel (e o lugar) da condição intersexual na discussão contemporânea, abrindo uma nova dimensão para seu estudo.

Acreditamos que esse percurso teórico, que reflete as transformações – e *metamorfoses* – por que passou a problemática intersexual nos séculos XX e XXI, tanto em termos médicos quanto teóricos, além de desafiar as percepções convencionais e enriquecer o diálogo sobre a diversidade de gênero, retoma e atualiza o vínculo clássico entre as experiências intersexuais e a noção de metamorfose, presente na literatura europeia pelo menos desde Ovídio.

Partimos de *A metamorfose* de Kafka para borrar, de início, as fronteiras entre realidade e literatura. Através de sua análise, esperamos poder destacar a potência da última para configurar e fazer ver questões complexas, como são em geral as de gênero e identidade, tão mal recebidas em uma sociedade como a nossa, em constante involução. Reconhecemos ironicamente nossa "constante involução", desafiando-nos a encontrar nas entrelinhas literárias, a inspiração para avançar em direção a uma compreensão mais inclusiva e progressista dessas complexidades.

³ C.f. p. 16 A intenção não reside na consolidação de um "progresso" histórico da metamorfose de Kafka para a de Ovídio. Conforme destacado por Carone (2011), a abordagem inovadora de Kafka em suas transformações narrativas diverge substancialmente das metamorfoses mitológicas tradicionais. Estas, frequentemente permeadas por uma reversibilidade ponderável e um simbolismo prontamente discernível, contrastam com a permanência e mistério introduzidos por Kafka na transformação de Gregor Samsa em inseto. Carone sugere que tal obra desafia interpretações simplistas ou unidimensionais, instigando o leitor a confrontar o inesperado e o inexplicável como elementos centrais da experiência humana.

⁴ Embora busquemos padronizar o uso do termo "intersexual" ao longo desse trabalho, utilizaremos também ocasionalmente as variantes "intersex", "intersexo" e "intersexualidade", que refletem a nosso ver a diversidade terminológica encontrada na literatura e na ação política.

Com efeito, Kafka é frequentemente descrito como um autor que oferece uma visão peculiar e, muitas vezes, perturbadora do mundo. Seu olhar sobre a realidade é permeado pela estranheza. Sem ser uma escolha sua, a sensação que ele nos transmite parece ser uma consequência da maneira como o mundo o tratava. Posicionado à margem da realidade dita "normal", é desse limiar que ele observa e descreve o mundo que o cerca. Marginal e estrangeiro em um mundo estranho ou estranhado, essa estranheza é uma constante em suas obras. Intriga o leitor, contudo, a impressão de que ele deseja profundamente ser parte do mundo que o estranha e que ele assim (re)configura. Kafka não se sente aprisionado por limitações internas, mas externas, como um carcereiro que, em lugar de estar dentro da cela, a observa do lado de fora, ansiando talvez por adentra-la.

As reflexões do filósofo Gunther Anders esclarecem melhor esse ponto e podem nos ajudar a lançar luz sobre um aspecto importante da obra kafkiana. No livro *Kafka: Pró e Contra*, ele diz que a chave para entender o autor está em seu desejo inato de inclusão. Kafka anseia por pertencimento, por encontrar um lugar onde possa se enraizar, por descobrir um ponto de apoio em meio à sensação de desenraizamento. Compreender sua obra não é, no entanto, uma tarefa simples; suas narrativas são como fechaduras complexas que não podem ser abertas com uma única chave. Mesmo quando aparentemente todas as chaves estão disponíveis, a porta para seu entendimento pode permanecer fechada. A complexidade das experiências e da visão de mundo kafkianas exige o emprego simultâneo de várias chaves interpretativas para desvendar o significado de sua escrita (ANDERS, 2007, p. 22).

A dificuldade hermenêutica ressaltada por Anders vem ao encontro, porém, de nossa proposta. As muitas facetas e enigmas apresentados pela obra de Kafka nos convidam a ver nela uma obra aberta a múltiplas leituras e abordagens. Nesse sentido, uma leitura menos explorada na bibliografia sobre a novela, nos parece ser a que remete à identidade de gênero⁵. Se a transformação física do personagem principal em um inseto gigante tem sido vista frequentemente como uma metáfora da alienação, despersonalização ou isolamento, proponho-me aqui a analisá-la sob a lente da identidade de gênero. É necessário esclarecer de pronto que a ideia não é impor aqui uma interpretação fechada, mas apresentar uma perspectiva adicional para enriquecer o debate sobre uma obra reconhecidamente complexa e fascinante. Assim como Kafka desafiou convenções literárias e nos legou uma narrativa aberta, espero contribuir para transmissão dessa novela, destacando como ela continua a ressoar e a inspirar reflexões contemporâneas⁶.

⁵ Remeto a propósito dessa bibliografia, aos comentários de Modesto Carone in *Kafka essencial* (2009) e *Lição de Kafka* (2011) e ao ensaio de Milan Kundera, "Kafka's World" (1988). Para uma perspectiva mais ampla e atual, vale conferir a última parte (*Reception and Influence*) do compêndio *Kafka in context* (2018), organizado por Carolin Duttlinger para a Cambridge University Press.

⁶ Ao empregar o termo "transmissão", sigo uma sugestão da filósofa Jeanne Marie Gagnebin (2014), que ressalta sua importância para a reflexão benjaminiana sobre a relação entre tempo presente e tempo passado, obra e transmissão. Segundo ela, ao empregar esse termo (no original, *Überlieferung*, que também pode ser traduzido por "tradição"), Benjamin visava ressaltar "o processo histórico concreto, material, de desistências, de perseverança, de lutas e de violência que transporta ou não, leva ou não, transmite ou não um acontecimento ou uma obra do passado até o nosso presente" (p. 213).

CAPÍTULO 1 – A experiência intersexual, algumas considerações.

O mito de Hermafrodito, também conhecido como *Hermafrodita*, narra a história de um jovem de notável beleza que durante um banho em um lago vê-se unido de forma violenta ao corpo de uma Náiade chamada Salmacis, em quem ele desperta profundos desejos⁷. Ardente, Salmacis suplica aos deuses que eles jamais se separem e seu pedido é atendido quando seus corpos se fundem assumindo a aparência de um só. O poeta que narra essa história retrata Hermafrodito como objeto de uma metamorfose que o teria transformado em uma figura enfraquecida. Em um ato de vingança, este lança uma maldição sobre o lago, de modo que qualquer pessoa que nele se banhasse sofreria a mesma transformação, tornando-se também um “meio” ou “semi” homem (*semiuir*, no original latino)⁸.

Miguet (2005) enfatiza que a transformação seria percebida negativamente por Hermafrodito, uma vez que a forma meio homem, meia mulher simbolizaria não apenas diminuição, mas degradação. A adição de atributos femininos seria vista como um enfraquecimento de qualidades masculinas prévias, destacando-se por essa perspectiva a associação feminilidade-inferioridade. Como a figura andrógina resultante combinaria características de ambos os gêneros, o próprio Hermafrodito lançaria uma impreciação à fonte, rogando uma praga a seus futuros banhistas:

“Quando viu, pois que as límpidas águas em que entrara homem o haviam tornado meio homem só, e que nelas seus membros se efeminaram, estendendo as mãos, mas já sem voz viril, diz Hermafrodito: ‘Dai, pai e mãe, ao filho que vosso nome ostenta, este privilégio: que todo aquele que a esta fonte venha na condição de homem, daqui saia meio homem e efeminado logo que suas águas toque’.”, OVIDIO, 2017 p. 241.

Ainda que corrobore a ideia de que traços femininos em um homem eram frequentemente desvalorizados, Lauren Silberman sugere, partindo de evidências literárias e artísticas, que a interpretação original desse mito possuía nuances⁹. Segundo ela, a própria combinação de aspectos masculinos e femininos seria frequentemente vista como símbolo de fertilidade ou mesmo como uma dádiva concedido pelos deuses. Sob essa perspectiva, Hermafrodito não seria considerado necessariamente um “transexual” – para empregar uma terminologia anacrônica, que nos ocupará em breve – mas uma entidade “intersexual”. Nos termos de Ovídio, Livro IV, 378-379: “*nec due sunt et forma duplex*” (“já não são dois, mas uma figura dupla”) ou ainda “*neutrumque et utrumque videntur*” (“não parece nenhum, mas os dois”)¹⁰.

⁷ Sigo aqui o mito tal como narrado por Ovídio, *Metamorfoses*, Livro IV, 276-388, lido na tradução de Domingos Lucas Dias (OVIDIO, 2017). O cotejo com outra reconhecida tradução da obra, de Paulo Farmhouse Alberto (Cotovia: Lisboa, 2007), consultada também para nosso estudo, assim como o cotejo com o original latino (que acompanha a tradução de Dias), ainda que pontualmente feito na sequência, está fora do escopo do presente trabalho.

⁸ “Meio-homem” é a tradução dada para o termo por Domingos Dias e “semi-homem” a dada por Paulo F. Alberto (OVIDIO, 2017, p. 241; 2007, p. 116, respectivamente).

⁹ Sigo aqui as indicações de SILBERMAN, L. “Mythographic Transformations of Ovid’s Hermaphrodite”. *The Sixteenth Century Journal*, v.19, n. 4, p. 643–652, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2540991>. Acesso em: 03/02/2024.

¹⁰ Preferi privilegiar aqui a tradução de Paulo F. Alberto (OVIDIO, 2007, p. 116). Os mesmos trechos são vertidos de forma significativamente distinta na tradução de Domingos Dias: “nem são dois, nem uma forma dupla” e “não parecendo nem um nem outro, parecem a mistura dos dois” (OVIDIO, 2017, p. 240).

Em Ovídio, a metamorfose é descrita como uma transformação que decorre de uma imposição violenta. Isso fica claro no trecho que narra a “vitória” de Salmacis sobre Hermafrodito:

“E, arremessando para longe toda a sua roupa, [Salmacis] lança-se nas águas, prende-o, a ele que se debate, e rouba-lhe beijos à força. Faz sob ele deslizar as mãos, toca-lhe o peito constrangido, e rodeia o jovem ora por um lado, ora pelo outro. Por fim, enrola-se nele, que resiste e lhe quer escapar, como a serpente que, suspensa e elevada às alturas pela águia real, lhe entrelaça as garras e a cabeça e, com a cauda, lhe enlaça as extensas asas; e como costumam agarrar-se as heras aos mais altos troncos; e como o polvo abraça o inimigo surpreendido debaixo de água, lançando os tentáculos em todas as direções.

Resiste o neto de Atlas e nega à ninfa as alegrias sonhadas. Ela enlaça-o e, a seu corpo totalmente unida, assim como estava, afirma: 'Poderás lutar, desgraçado, mas não fugirás! Assim vós, deuses, ordeneis que não haja dia que de mim o afaste, e a mim me afaste dele!'

Os deuses ouviram a súplica, pois, confundidos, os corpos dos dois unem-se e assumem a aparência de um só.” OVÍDIO, 2017 p. 239-240.

Por essas breves passagens, vemos não só como o Hermafrodito de Ovídio incorpora normas e valores culturais de sua época, mas o quão complexa pode ser a interpretação de sua figura e suas características, ao mesmo tempo indesejáveis e transgressoras ¹¹. Refletindo aspectos culturais da sociedade que o recria, o mito pode revelar também, cada vez que é recontado, o quanto varia sua percepção ao longo do tempo. Sendo hoje a compreensão da identidade de gênero e da diversidade sexual substancialmente diferente daquela que prevalecia na época de Ovídio, gostaríamos de retomar o tema da metamorfose a partir de uma obra contemporânea, a novela homônima de Kafka.

Segundo Carone (2011), a obra de Kafka traz uma abordagem inovadora às transformações narrativas, distanciando-se significativamente das metamorfoses mitológicas tradicionais, que permitiam geralmente uma certa reversibilidade, além de possuir um caráter simbólico facilmente discernível. Segundo ele, a transformação de Gregor Samsa em inseto introduz nessa novela uma permanência e um mistério que resistem a interpretações simplistas ou unidimensionais, desafiando o leitor a confrontar o inesperado e o inexplicável como elementos centrais da experiência humana.

A interrupção na narrativa de Kafka vai além da incapacidade de Gregor Samsa de se comunicar com outros, mergulhando a personagem em uma crise de identidade na qual até a autoexpressão interna se vê questionada. A transformação de Gregor desafia a compreensão convencional de identidade, sugerindo que mudanças físicas extremas podem obscurecer as fronteiras entre o ser *antes* e o ser *depois* da metamorfose. Este enfoque alinha-se com discussões contemporâneas sobre intersexualidade, nas quais a identidade não se conforma às categorias binárias, ressaltando antes a fluidez e a complexidade do ser.

Kafka transforma a noção de metamorfose, indo além das explicações tradicionais encontradas nas obras de Ovídio, para sondar o complexo mistério da identidade humana. Segal (1998) realça como Ovídio usa a metamorfose para refletir sobre a condição humana, tornando

¹¹ Cf. a propósito, o verbete “Andróginos” de Marie Miguet no *Dicionário de mitos literários* (2005), organizado por Pierre Brunel.

permeáveis as fronteiras entre o humano e o animal, e introduzindo uma variedade de reações que vão do trágico ao cômico. Em contraste, Kafka usa a transformação de Gregor Samsa para investigar a comunicação e a identidade para além da aparência física, destacando a luta interna de seu protagonista.

O confinamento de Gregor em seu quarto foi a medida imediata tomada pela família para restabelecer algum grau de paz no ambiente doméstico. Algo que também poderia ser interpretado como uma esperança de que, eventualmente, Gregor voltasse ao seu estado normal e se reintegrasse à família.

A metamorfose da personagem, tal como analisada por Modesto Carone (2011), transcende a simples alteração física para mergulhar nas dinâmicas de uma família em crise e na desintegração do papel do indivíduo dentro desse núcleo. Segundo Carone, essa transformação destaca a passagem de Gregor de um pilar de sustentação econômica a um estado de alienação e marginalização, simbolizando não apenas sua metamorfose física, mas também a metamorfose de sua posição no interior da família. Este enfoque reflete uma crítica à estrutura familiar tradicional, onde a alteração da capacidade produtiva de Gregor conduz a uma reavaliação de seu valor e identidade dentro do lar.

Além disso, a abordagem de Carone sugere que a narrativa de Kafka desafia a concepção tradicional de narrador, ao apresentar um universo fraturado e uma comunicação incompleta, reforçando a sensação de isolamento e incompreensão enfrentada por Gregor. Este aspecto da obra, refletiria, segundo ele, a condição alienada do homem moderno, submetido a uma sociedade fragmentada e opaca, na qual as relações familiares se tornam superficiais e desprovidas de empatia genuína. Sua análise faz ver a novela não apenas como uma fantasia grotesca, mas como um estudo profundo sobre a desumanização e a crise de identidade, ancorada em uma trágica narrativa familiar.

A trágica história familiar se desdobra à medida que a persistente ilusão de que Gregor poderia voltar ao seu estado normal leva a família a ajustar a vida de seus membros para lidar com sua condição. Suas ações são direcionadas a minimizar os problemas e, quem sabe, recuperar a vida perdida há tempos, mais precisamente desde a falência do pai, que culminou na metamorfose de Gregor. É notável, no entanto, que os familiares aparentemente ignoram a gravidade da situação em que todos se encontram. Embora Gregor tenha se tornado o assunto principal nas conversas em casa, isso não resulta em uma compreensão mais profunda ou em uma avaliação mais clara da situação. A metamorfose em si raramente é questionada, e quando Gregor se torna o tópico das discussões, é para determinar como a família deve se adaptar a essa nova realidade.

A abordagem elíptica de Kafka das conversas familiares¹² espelha nessa novela o fracasso das estruturas familiares e sociais em enfrentar a alteridade representada pela transformação de Gregor. Esse distanciamento comunicativo, semelhante a encontros burocráticos, sublinha o quanto

¹² Cf. KAFKA, 1997, p.40

a preocupação com a gestão do inusitado supera a da busca de soluções genuínas. Modesto Carone destaca essa característica ao observar a inversão narrativa de Kafka, na qual o desenvolvimento não segue a busca por resolução, mas sim as repercussões de um clímax antecipado. A indiferença da família para com Gregor não só revela uma recusa em reconhecer a singularidade de sua condição, mas também aponta para uma falha mais ampla em acomodar a diversidade dentro do núcleo familiar.

Nesse contexto, as tentativas de Grete em cuidar de Gregor refletem menos um esforço de reintegração e mais uma aspiração por uma normalidade que não mais existe, evidenciando a luta da família contra a aceitação da real metamorfose. Assim, o silêncio e a falta de diálogo entre os personagens não indicam um mero desconforto temporário, mas antes um mal-estar crônico e uma profunda perturbação das relações familiares, mascaradas sob o véu da responsabilidade.

Ao refletir sobre *A Metamorfose* através das lentes de Carone, somos convidados a reconsiderar a transformação de Gregor Samsa não como manifestação de uma monstruosidade inerente, mas como uma crítica à rigidez das normas sociais, que definem o que é considerado 'normal' e 'aceitável'. Carone nos lembra quão radicalmente a novela de Kafka inverte a construção narrativa tradicional, trazendo o clímax para o início, e sugere que a metamorfose de Gregor pode ser entendida como o resultado de um *processo*. Segundo ele, a transformação do protagonista em um 'isso' monstruoso é uma consequência deste não se adequar às identidades fixas e normativas (CARONE, p. 221). Essa perspectiva nos permite ver Gregor não como um ser que *nasceu* monstruoso, mas como alguém que foi *transformado* nesse ser por uma sociedade que falha em reconhecê-lo fora de suas categorias estreitas.

Essa análise nos leva a uma compreensão mais profunda da experiência intersexual. Assim como Gregor é transformado pela percepção dos outros, indivíduos intersexuais são muitas vezes moldados pelas expectativas e normas sociais que buscam categorizá-los de maneira simplista. A verdadeira monstruosidade, portanto, não reside naqueles que diferem das normas binárias de gênero, mas nas estruturas sociais que os marginalizam. Reconhecer isso requer uma mudança na forma como interpretamos as transformações de Gregor e, por extensão, na forma como entendemos as experiências intersexuais. Não é a condição de Gregor ou das pessoas intersexuais que é problemática, mas a incapacidade da sociedade de aceitar a diversidade.

Portanto, ao invés de interpretar a metamorfose inicial de Gregor como uma tragédia pessoal, devemos vê-la como uma crítica à falta de aceitação e compreensão da diversidade humana. Da mesma forma, a luta das pessoas intersexuais não é contra uma suposta “indefinição monstruosa” inata, mas contra uma sociedade que impõe limites rígidos à identidade e ao pertencimento. É necessário, por conseguinte, prestar atenção ao modo como narramos a experiência intersexual, evitando dramatizações que reforcem percepções negativas. Em vez disso, devemos ter por foco a resistência contra as estruturas normativas.

A insistência em categorizar Gregor Samsa, e por extensão pessoas intersexuais, dentro de normas de gênero rígidas reflete uma realidade cultural profundamente enraizada que transpassa a linguagem e a forma como discutimos e escrevemos sobre essas experiências. Este fenômeno é tão culturalmente intrínseco que, mesmo em discussões acadêmicas ou relatos pessoais, a tendência de enquadrar a identidade dentro de limites binários prevalece, evidenciando como nossas percepções são moldadas por estruturas de linguagem e pensamento estabelecidas há muito tempo.

Neste contexto, a presente reflexão sobre a obra de Kafka e sua intersecção com as lutas intersexuais é, ela mesma, uma tentativa de navegar por essa complexidade. Ao traçar paralelos entre Gregor Samsa e as pessoas intersexuais, busco mergulhar em uma conversa que é ao mesmo tempo pública e íntima¹³, destacando como as narrativas sociais e familiares impõem responsabilidades injustas sobre aqueles que desviam das normas convencionais de gênero.

A crítica incorporada no texto "Gender Fusion", que desafia a necessidade de controle sobre identidades ambíguas, ressoa profundamente comigo. A leitura desse texto e outros na antologia organizada por Iain Morland e Annabelle Wilox ampliou minha compreensão de que a fluidez de gênero não é um problema a ser solucionado, mas uma expressão autêntica da diversidade humana. Essa perspectiva é vital, especialmente quando confrontada com a realidade de que a linguagem e o discurso muitas vezes falham em capturar a totalidade das experiências humanas, especialmente aquelas que existem fora dos binarismos tradicionais. Ao abordar a história de Gregor e as experiências de pessoas intersexuais, estou consciente de que navego em um espaço onde a linguagem tanto pode revelar quanto ocultar verdades.

A análise de Michel Foucault sobre a biopolítica e os mecanismos de poder se revela fundamental para compreender a fluidez das normativas sexuais e de gênero. Foucault destaca que a sexualidade não é um fato inerente, mas sim uma construção histórica e discursiva que se transforma com o passar do tempo, variando em diferentes contextos culturais. Esta perspectiva nos permite entender que as normas que governam a sexualidade são fruto de discursos dominantes específicos de cada época.

Diante disso, a intersexualidade se apresenta como um desafio às concepções tradicionais de normalidade, questionando a tentativa de enquadrar a sexualidade em categorias estritamente biológicas. A existência de corpos com características sexuais atípicas sublinha a complexidade da atribuição de significados ao corpo humano, ameaçando a ordem social que se sustenta no controle e na gestão da vida através de categorias fixas.

É importante ressaltar, entretanto, que a transformação dos próprios paradigmas de

¹³ A escolha da palavra "íntima" reflete não apenas a natureza pessoal e subjetiva da reflexão sobre as temáticas abordadas, mas também assinala a própria jornada do autor ao confrontar e lidar com a intersexualidade e suas complexidades fora das normas de gênero convencionais. Este uso visa sublinhar como a escrita se torna um espaço de exploração e expressão das lutas internas e externas enfrentadas na busca por entendimento e aceitação de identidades que transgridem as delimitações binárias tradicionais, marcando a experiência como profundamente pessoal e, por vezes, desafiadora.

categorização é parte essencial das discussões sobre identidade e sexualidade. A mutabilidade das tipologias ao longo do tempo evidencia a natureza dinâmica da construção social da identidade, desafiando a fixidez das categorias binárias e destacando a insuficiência de conceitos estáticos para abarcar a totalidade das experiências humanas.

Por esse prisma, a retomada das referências à obra de Kafka, previamente mencionadas, enriquece a discussão ao iluminar como a literatura pode refletir e questionar as normas sociais e científicas. A intersecção entre a transformação de Gregor Samsa, a teoria foucaultiana e os debates sobre intersexualidade revela a capacidade da narrativa ficcional de desafiar as categorizações impostas, oferecendo um espaço para a contestação e a exploração da identidade que ultrapassa os limites impostos pelo discurso dominante.

A intersexualidade, uma condição que se estende por diversas eras e contextos socioculturais, é compreendida através de uma lente historicizada que reflete uma mudança significativa nas interpretações médicas e sociais. A evolução da terminologia de 'hermafroditismo' para 'intersexualidade' não apenas sinaliza uma transformação linguística, mas também indica um movimento em direção a uma compreensão mais inclusiva e despatologizante da diversidade humana. Este avanço é evidenciado pelas contribuições teóricas de Donna Haraway, que, ao explorar o que ela denomina como “ciborgue quadrangular” (2004), desdobra a intersexualidade em uma matriz que conecta ciência, mito, ficção e ativismo social, desafiando as classificações binárias e promovendo uma visão complexa da biologia humana. Simultaneamente, a abordagem multidisciplinar, ecoada pelas reflexões de Iain Morland e ampliada pela metodologia tentacular de Haraway, revela que o entendimento contemporâneo da intersexualidade emerge de um diálogo entre diversas áreas do conhecimento. Essa perspectiva não só enriquece a análise da intersexualidade para além das limitações biológicas, mas também sublinha o impacto dos discursos científicos e médicos na construção de identidades, ressaltando a importância de desafiar os modelos médicos reducionistas e as normas de gênero para construir um mundo mais equitativo para as pessoas intersexo (Morland, 2009; Monteiro, 2021).

Depois de explorar as temáticas de alienação e transformação em *A Metamorfose* de Kafka e a análise de Carone, juntamente com as reflexões de Haraway e Morland sobre a intersexualidade, surge a questão da responsabilidade social e científica no reconhecimento e na inclusão das diversidades de gênero e sexualidade. A jornada de Gregor Samsa, embora metafórica, destaca a urgência de um olhar mais humano e menos categorizante sobre as diferenças individuais, uma urgência que se reflete diretamente nas vivências de pessoas intersexuais. A partir dessa narrativa, a necessidade de despatologizar a intersexualidade e de promover uma compreensão mais abrangente e respeitosa torna-se evidente, ecoando a crítica de Haraway contra simplificações binárias e o apelo de Morland por uma abordagem multidisciplinar que respeite a complexidade do ser humano.

Este reconhecimento demanda uma expansão dos discursos médicos, sociais e literários para abraçar as nuances da experiência humana, sublinhando que, muito além das questões de conformação biológica, existem histórias de resistência, identidade e pertencimento que desafiam os limites impostos pelo pensamento normativo. Assim, a interseção entre a literatura de Kafka, os insights teóricos de Haraway e Morland, e a realidade vivida por pessoas intersexuais ilustra a necessidade de construir uma sociedade na qual aprender com as diferenças seja mais importante do que tentar suprimi-las ou corrigi-las. Tal aprendizado é fundamental para a construção de um futuro no qual todos possam existir e ser reconhecidos plenamente, sem mascarar ou alterar suas identidades para se encaixar em categorias pré-definidas (Morland, 2009; Monteiro, 2021).

No século XIX, a intersexualidade era considerada sinônimo de hermafroditismo e era frequentemente vista como monstruosa e moralmente corrompida. No século XX, a questão da intersexualidade deixou de ser predominantemente moral e se tornou um foco de interesse médico, com as más-formações genitais sendo percebidas como anomalias no desenvolvimento sexual. Os intersexuais foram considerados "anormais" e tiveram suas identidades ligadas à abjeção e frequentemente foram silenciados socialmente. A questão intersexual foi amplamente considerada como um tópico a ser tratado exclusivamente pelos saberes médicos. (FOUCAULT, 2007).

Paula Sandrine Machado (2005) argumenta que

“a necessidade de “definição de sexo” ou da “escolha do sexo” em decorrência de algum diagnóstico médico relacionado à intersexualidade caracteriza-se [...] como uma nova roupagem para solucionar problemas muito antigos. Nesse ponto de vista, a possibilidade de “selecionar” o sexo de um bebê, seja no período pré ou pós-natal, acabaria re-significando e recolocando questões acerca de práticas de eliminação de bebês de um ou outro sexo que acontecem em outras sociedades, supostamente "primitivas". (p. 27-28).

Expandindo a discussão, ela detalha como a evolução nos campos médicos e genéticos traz à luz novas maneiras de compreender as relações familiares, de gênero e sexuais, desvelando dinâmicas anteriormente veladas. A intersexualidade, longe de ser uma manifestação recente, é situada em um contexto de visibilidade e debate aumentados pelas discussões científicas contemporâneas. O "Consenso de Chicago" é apontado como um marco na introdução de terminologias atualizadas, fundamentadas na genética, que visam a uma classificação mais precisa das pessoas intersexuais. Tal movimento não somente propõe uma redefinição da nomenclatura mas também coloca em xeque a busca por uma "verdade" genética como representativa da realidade corporal, refletindo uma complexidade que transcende a mera identificação biomédica.

Sobre os "hermafroditas" e os "pseudo-hermafroditas", a ideia central era que a "verdade" sobre o sexo poderia ser determinada pelas características das gônadas, como a presença de testículos ou ovários. Isso foi por muito tempo o critério para distinguir entre homens e mulheres "verdadeiros" e para diferenciar os "verdadeiros" dos "pseudo" hermafroditas (MACHADO, 2005,

p. 113).

A busca pela verdade nos campos médicos e psiquiátricos sempre esteve presente quando se tratou da compreensão dos corpos sexuados. Esses campos elaboraram uma concepção de realidade baseada na suposta natureza dos corpos seja em relação ao sexo, ao gênero ou ao desejo. Somente recentemente, as ciências humanas começaram a explorar as questões relacionadas aos corpos e subjetividades intersexuais. Essas reflexões entre diferentes campos de discurso permitiram a formulação e, conseqüentemente, a revisão das classificações previamente estabelecidas. É importante ressaltar que, em muitos casos, os sujeitos intersexuais foram privados da oportunidade de falar sobre suas próprias experiências.

Por outro lado, nos dias atuais, embora o termo "intersex" tenha origem médica, ele foi adotado por ativistas para se referir às pessoas que nascem com corpos que não se encaixam nas categorias tradicionais de masculino ou feminino estabelecidas socialmente. Na perspectiva ativista, a intersexualidade é uma definição ampla que abrange uma variedade de condições em que os órgãos reprodutivos e as características sexuais não se alinham com as definições convencionais de masculino ou feminino. Esses corpos desafiam as noções binárias de gênero e causam perplexidade para aqueles que os encontram. O que Machado discute é observado nesse espaço de autorreflexão e na crítica dos conhecimentos sobre a intersexualidade, liderados pelos ativistas intersexuais.

Os indivíduos intersexuais são corpos que desafiam as definições tradicionais de humanidade e frequentemente são associados a patologias ou à chamada "ambigüidade genital". Essa visão de "anormalidade" justificou intervenções médicas para adequar esses corpos ao ideal de dimorfismo sexual. No entanto, a medicalização dos corpos intersexuais não reconhece a diversidade desses corpos, que representam uma ampla variedade de possibilidades corporais. A intersexualidade é, portanto, uma manifestação de diversidade (CABRAL, 2006).

O indivíduo intersexo desafia as normas sociais de gênero, conforme destacado por Butler (2003), que se referiu a essas normas como "gêneros inteligíveis". A experiência intersexual perturba essas normas sociais e questiona as expectativas consideradas "normais" pela sociedade. As normas de gênero frequentemente se apoiam em explicações biológicas, que fazem delas realidades supostamente atemporais e universais e base para o que constituiria um "verdadeiro" sexo, "verdadeiros gêneros" e, em última análise, um "verdadeiro" corpo humano (LEITE, 2008).

O psicólogo John Money¹⁴ ganhou notoriedade por conduzir intervenções em corpos intersexuais com o objetivo de (re)construí-los de acordo com as normas de gênero preestabelecidas. Money acreditava que a identidade sexual era moldada nos primeiros 18 meses de vida e, assim, iniciava intervenções em crianças intersexuais desde sua tenra idade, como se o corpo pudesse determinar suas futuras escolhas sexuais. Esse processo de construção de gênero não estava

¹⁴ Cf. HAUSMAN, B. L. "Do Boys Have to Be Boys? Gender, Narrativity, and the John/Joan Case" in *NWSA Journal*, v. 12, n. 3, 2000, p. 114–138.

confinado apenas ao contexto médico, já que os pais também eram incumbidos de socializar essas crianças para que se encaixassem nas expectativas sociais vigentes. Apesar dessas intervenções, entretanto, a binaridade de gênero prevalecia, levando muitos indivíduos intersexuais a passarem por tratamentos hormonais e cirurgias para se adequarem ao padrão de normalidade estabelecido pelas categorias tradicionais de gênero.

As teorias de Money não se baseavam na supressão do aspecto social em favor do biológico, mas sim em como o aspecto social, influenciado pela ciência e pelas instituições, poderia afirmar a diferença entre os sexos. Seu objetivo era manter a integridade do conceito de gênero, promovendo comportamentos femininos ao criar vaginas para indivíduos que seriam socializados como mulheres, e reforçando dessa forma a lógica heteronormativa que considera as mulheres destinadas a uma vida sexual com homens.

O caso de John/Joan¹⁵ ilustra vividamente a discussão sobre mudanças corporais e identidade de gênero. Quando dois meninos gêmeos foram encaminhados a Money para corrigir um problema no pênis de um deles, que havia sido danificado durante a circuncisão, o médico inicialmente argumentou que a reconstrução do pênis era impossível. Em vez disso, ele propôs uma "troca" de sexo, resultando em Joan sendo socializada como mulher. No entanto, com o passar dos anos, Joan passou por mudanças significativas em seu corpo e, insatisfeita com essa identidade de gênero, decidiu retornar à identidade masculina de John. O trágico desfecho dessa história revela a complexidade das questões intersexuais em uma sociedade que exige a conformidade com os padrões de gênero tradicionais, muitas vezes reprimindo indivíduos que não se encaixam nesses padrões e negando-lhes o direito fundamental de viverem de acordo com sua identidade de gênero.

Inspirando-me na análise de Modesto Carone sobre *A Metamorfose*, este capítulo foi uma tentativa de refletir sobre a urgência de transcender as normas de gênero tradicionais, à luz da complexidade da intersexualidade. Através da transformação de Gregor, Kafka e Carone desvelam a fragilidade das identidades impostas e a violência de se encaixar indivíduos em categorias binárias restritivas. A história de John/Joan ecoa esse dilema, demonstrando as consequências trágicas da inadequação de tais normas.

¹⁵ Idem.

CAPÍTULO 2 – Metamorfose intersexual

Como dissemos anteriormente, *Intersex*¹⁶ é um termo médico adotado pelos movimentos ativistas para descrever indivíduos cujos corpos não se alinham às definições convencionais de masculino ou feminino. De acordo com a ISNA, intersex é um termo abrangente para diversas condições em que uma pessoa nasce com características reprodutivas ou sexuais que não correspondem às definições típicas de masculino ou feminino. Estes são corpos que desafiam os padrões binários e confundem as expectativas tradicionais, não se enquadrando no que Susan Bordo descreve como “representações de corpos inteligíveis”, que englobam as normas científicas, filosóficas e estéticas sobre o corpo, incluindo padrões de beleza e saúde (1997, p. 33 *apud* PINO, 2007, p. 153). Esses corpos, que muitas vezes se situam na fronteira entre normalidade e patologia, segundo padrões médicos, têm sido submetidos a intervenções cirúrgicas e hormonais para se adequar ao “ideal do dimorfismo sexual”. (PINO, *idem*, *ibidem*)

Há uma tendência comum de associar intersex com hermafroditismo, conceito proveniente da arte e da mitologia que sugere a presença de ambos os sexos. No entanto, conforme Mauro Cabral, pesquisador e ativista intersex, essa associação é um equívoco cultural. A realidade do corpo intersex é marcada pela diversidade, não representando um tipo único de corpo, mas um espectro amplo de possibilidades corporais. (2005, p. 284 *apud* PINO, 2007, pp. 153-154)

As diferentes manifestações da intersexualidade são resultado de vários fatores. É comum uma genitália ambígua, mas também existem casos em que os órgãos genitais correspondem a um sexo, porém não atendem aos chamados padrões ideais, como clitóris grandes ou pênis pequenos. Além disso, podem existir indivíduos com características hormonais e genéticas típicas de um sexo, mas com ausência de certos órgãos reprodutivos, como uma mulher com cromossomos XX, útero e ovários, mas sem vagina. Há também casos de mosaicos genéticos, como XXY, e situações em que a intersexualidade se manifesta na adolescência, como na síndrome de Klinefelter. A intersexualidade pode permanecer não identificada até que uma situação específica, como um diagnóstico de infertilidade, exija a análise dos órgãos reprodutivos internos. Contudo, é importante salientar que, em muitos casos, a intersexualidade não acarreta danos à saúde e, como ressalta Cabral, não deve ser vista como doença, mas como uma condição de divergência física dos padrões culturais de normalidade corporal. (2003, p. 121 *apud* PINO, 2007, p.).

No contexto da intersexualidade, a década de 1980 marcou um ponto de virada, quando indivíduos submetidos a cirurgias na infância começaram a questionar essas práticas. Suas experiências pessoais desafiaram o conhecimento médico tradicional sobre a intervenção precoce para "corrigir" genitais ambíguos, destacando a importância da autonomia e da necessidade de

¹⁶ Primeira organização política de ativismo intersex. A ISNA-Intersex Society America foi fundada em 1993 por pessoas que foram submetidas às cirurgias de redesignação de gênero quando crianças. O objetivo geral dessa associação é “acabar com a vergonhosa, segregante e não desejada cirurgia genital”, lutando para que as cirurgias sejam feitas apenas quando os pacientes puderem decidir por eles mesmos. Essa associação conta também com a presença de médicos e profissionais da área ciências humanas. (www.isna.org)

repensar a abordagem médica em relação a corpos intersexuais.

Muitos ativistas intersexuais defendem o direito à autonomia na tomada de decisões relacionadas a cirurgias e à escolha de identidade de gênero. Eles se opõem à realização de cirurgias irreversíveis em idades precoces e enfatizam a importância de permitir que os indivíduos intersexuais tenham voz ativa em suas próprias vidas.

É crucial observar, no entanto, que a questão não se resume à rejeição completa da escolha de um sexo ou ao abandono de procedimentos médicos. A Associação Americana de Psicologia (APA), por exemplo, argumenta que, em geral, não é medicamente necessário realizar cirurgias imediatas para definir os órgãos genitais como masculinos ou femininos.

A gestão da intersexualidade através de cirurgias "reparadoras" e tratamentos hormonais é crucial na determinação de como os corpos intersexuais são percebidos em termos de normalidade ou anormalidade. A adoção dessas práticas médicas reflete a influência da tecnologia contemporânea nas percepções do corpo tanto biológico quanto social. No próximo capítulo, aprofundarei a discussão sobre essas intervenções cirúrgicas, guiado pela análise crítica de Paul B. Preciado, explorando de maneira mais precisa as implicações dessas práticas na vida das pessoas intersexuais.

Por ora, vale notar que as biotecnologias contemporâneas borraram as fronteiras tradicionais entre normalidade e anormalidade, natureza e cultura, e são vistas por alguns, não à toa, como ferramentas poderosas para desafiar identidades rígidas e noções de conformidade corporal. Assim, o efeito das intervenções no corpo podem ser tanto o de impor limitações quanto o de promover diversidade e diferença.

Paul B. Preciado destaca o conceito de "tecnologias de incorporação", que são objetos tecnológicos utilizados no e pelo corpo humano. Segundo ele, essas tecnologias teriam o poder de dissolver as fronteiras entre o corpo e as ferramentas, ao mesmo tempo em que funcionam como instrumentos para definir identidades, desafiando as normas tradicionais de subjetivação. Elas possibilitariam desse modo a criação de novos corpos e novas formas de autoidentificação e entendimentos sobre a vida. Por exemplo, hormônios podem ser vistos como substâncias que têm um impacto político ao modificar a maneira como percebemos a realidade e, ao mesmo tempo, alteram a forma como os outros nos interpretam quando nossos corpos se transformam.

Em um contexto mais amplo, processos biotecnológicos e a incorporação de próteses redefinem noções de gênero e performances tidas como "naturais" ou "não naturais", tornando-se elementos com implicação política. Para Preciado, é importante atentar para o que ele denomina "tecnopolíticas de gênero": processos políticos por meio dos quais algumas performances são construídas como intrinsecamente naturais e outras como não naturais. A gestão do corpo é vista como a administração dos fluxos de vida, incluindo fluxos de silicone, hormônios, representações culturais, técnicas cirúrgicas e construções de gênero.

Nesse sentido, a ideia de que o sexo e de que o próprio corpo dito “natural” são construções históricas, variáveis em diferentes sociedades humanas, é fundamental. As tecnologias médicas desempenham um papel central na moldagem e definição do corpo. As divisões tradicionais entre corpo e artefato, interno e externo, estão se tornando cada vez mais difusas. Essa dissolução das fronteiras não distorce a realidade, uma vez que, como enfatiza Donna Haraway, o dualismo entre natureza e cultura limita nossa compreensão da realidade.

Atualmente, vemos uma crescente manipulação de materiais biológicos em laboratórios e a incorporação no corpo de elementos sintéticos em busca de aprimoramento. Essas transformações corporais, que incluem o uso de medicamentos, hormônios, cirurgias e outros procedimentos médicos, desafiam conceitos arraigados de normalidade e corpo natural.

Trazendo essa discussão para o contexto da intersexualidade, é importante questionar a ideia de um corpo "normal" como aquele que se encaixa em um padrão estatístico. A gestão dos corpos intersexuais muitas vezes está fundamentada na crença equivocada de que existe um corpo dentro de um padrão estatisticamente definido, um corpo considerado mediano que sustentaria sem questionamento a noção de normalidade. Assim como Gregor Samsa desafia as noções tradicionais de identidade e normalidade, a discussão sobre a intersexualidade nos convida a repensar a existência de um corpo que deve se encaixar em um padrão estatisticamente estabelecido. O que nos leva a questionar a ideia de um corpo “mediano”, sustentáculo da noção de normalidade, e nos convida a explorar outras possibilidades de existência.

A condição intersexual desafia a concepção de um "corpo sexuado normal" e coloca em xeque a ideia de uma "identidade de gênero" inata. As diferentes manifestações de divergência física em relação aos padrões médicos de normalidade, que caracterizam as pessoas intersexo, desafiam a noção de que a sexualidade pode ser definida de forma estrita com base em parâmetros exclusivamente biológicos, tais como análise de cromossomos, hormônios e genitais. Isso nos lembra que a sexualidade humana é complexa e não pode ser reduzida a uma simples classificação biológica.

Com a noção de ciborgue, Donna Haraway nos convida a repensar as noções tradicionais de humanidade e tecnologia. O ciborgue representa a fusão entre o humano e a máquina, demonstrando que não existe uma fronteira clara entre ambos. Essa figura multifacetada nos lembra quão dependentes somos da tecnologia que nós próprios criamos e que nossa identidade não pode ser dissociada das ferramentas que utilizamos. O ciborgue também nos desafia a abandonar a busca por fronteiras rígidas entre masculino e feminino, incentivando-nos a questionar as práticas que buscam eliminar as ambiguidades de gênero.

Os corpos que desafiam categorizações tradicionais são frequentemente alvo de intervenções médicas destinadas a conformá-los aos padrões normativos. No contexto de gênero e sexo, a ideia do ciborgue se opõe à concepção de uma meticulosa costura dos corpos promovida pela medicina.

No último capítulo do livro *O Manifesto Contrassexual*, Paul B. Preciado explora a noção de "homossexualidade molecular" proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari, estabelecendo uma conexão entre esta e a ideia de um "devir mulher". Preciado adota uma abordagem transversal para compreender fenômenos como a intersexualidade, que não se baseia em identidades fixas, mas sim em processos de transformação. Ele reconhece que pode ser desafiador compreender como um heterossexual (como Deleuze) podia afirmar ser um "homossexual molecular", e explora as operações lógicas que permitiriam essa afirmação da homossexualidade como uma posição de enunciação universal. Preciado argumenta que a homossexualidade molecular vai além das relações entre homens e mulheres, incluindo também a busca por elementos considerados masculinos em mulheres e elementos considerados femininos em homens, enfatizando assim a importância da transversalidade na compreensão da sexualidade. Essa perspectiva ampla desafia as categorizações convencionais de gênero e sexualidade e reconhece a complexidade e fluidez das identidades humanas.

Assim como a intersexualidade desafia as categorizações tradicionais de gênero e sexo, a transformação de Gregor Samsa em um inseto gigante em *A metamorfose* desafia as noções convencionais de identidade e normalidade. A metamorfose de Gregor é uma mudança radical que o coloca em uma condição que não se encaixa nos padrões tradicionais da sociedade¹⁷. Da mesma forma, a homossexualidade molecular e a busca por elementos masculinos em mulheres e elementos femininos em homens desafiam as ideias preconcebidas sobre orientação sexual e identidade de gênero.

Além disso, a noção deleuze-guattariana de "devir mulher", discutida por Preciado, também pode ser relacionada à experiência de Grete, irmã de Gregor. À medida que a narrativa avança, Grete passa por uma transformação em sua própria identidade e papel na família, assim como Gregor. Ela deixa de ser apenas a irmã e passa a ser uma figura central na gestão da família e na tomada de decisões. A ampliação da discussão sobre o "devir mulher", proposta por Preciado, abre uma nova perspectiva para a análise da evolução de Grete em *A Metamorfose*. A transição de Grete de uma figura secundária para um papel central na família ecoa a teoria de Preciado sobre identidades de gênero fluidas, destacando as nuances da identidade feminina e suas atribuições dentro da estrutura familiar. Este desenvolvimento não apenas altera a dinâmica doméstica, mas também desafia concepções tradicionais do feminino, alinhando-se com a visão de Preciado sobre a natureza construída das identidades de gênero.

¹⁷ c.f. comentários p. 18

CAPÍTULO 3 – Preciado e a intersexualidade

Depois da análise das transformações de identidade e corporalidade, exploradas com as lentes de Preciado, Deleuze, Guattari, além da metamorfose kafkiana, este capítulo inicia um mergulho mais profundo no universo teórico de Paul Preciado.

No capítulo seis do livro *Testo Junkie*, Paul Preciado argumenta que:

A invenção da categoria de "gênero" (*gender*) sinalizou uma cisão e tornou-se o ponto de origem para o surgimento do regime farmacopornográfico de produção e governo da sexualidade. Longe de ser a criação de uma agenda feminista, a noção de gênero pertence ao discurso biotecnológico que apareceu nas indústrias médicas e terapêuticas dos Estados Unidos no final da década de 1940. O gênero e a masculinidade e a feminilidade farmacopornográficas são artefatos originados do capitalismo industrial e atingirão picos comerciais durante a Guerra Fria, assim como a comida enlatada, o computador, as cadeiras de plástico, a energia nuclear, a televisão, o cartão de crédito, a caneta esferográfica descartável, o código de barras, os colchões infláveis ou os satélites de telecomunicações. (2018, p. 109)

O trecho em questão aborda a complexa interação entre a categoria de "gênero" e o que o autor denomina "regime farmacopornográfico"¹⁸. Para entendê-la, é fundamental ressaltar a crítica feita por Preciado tanto à naturalização dessa categoria, como se "gênero" traduzisse em termos conceituais diferenças sexuais baseadas na biologia, quanto a ideia de que a mesma é uma criação da "agenda feminista". "Invenção" e "artefato", entre outros, do capitalismo industrial, o gênero é para o autor parte do discurso biotecnológico forjado no final dos anos 1940 pelas indústrias médicas e terapêuticas norte-americanas.

O regime farmacopornográfico, tal como descrito por Preciado, apresenta a sexualidade e as identidades de gênero como produtos concretos do capitalismo industrial, comparáveis a outros itens popularizados durante a Guerra Fria como a televisão e a comida enlatada.

Dando continuidade à discussão feita há pouco, o capítulo intitulado "Tecnogênero" (2018, pp. 116-118) oferece *insights* cruciais sobre o impacto que pode ter a intersexualidade para estabilidade da categoria "mulher". Para Preciado, ao se posicionar fora dos limites binários de gênero, a intersexualidade questiona o que se considera a essência mesma do ser "mulher".

Esta desestabilização é crucial no contexto feminista. Para o autor, as vertentes do feminismo, em particular as alinhadas com o construtivismo cultural dos anos 1970, não abordaram

¹⁸ A propósito desse termo, vale a pena citar a definição dada pelo autor, em um dos capítulos iniciais da obra ("A era farmacopornográfica"): "O termo [farmacopornográfico] se refere os processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (-pornô) da subjetividade sexual, dos quais a pílula e a Playboy são dois resultados paradigmáticos. Embora finque raízes na sociedade científica e colonial do século XIX, os vetores econômicos do regime farmacopornográfico permanecerão invisíveis até o final da Segunda Guerra Mundial. Inicialmente escondidos sob a aparência da economia fordista, eles se revelarão na década de 1970 com o colapso gradual do sistema de produção criado por Henry Ford" (PRECIADO, 2018, pp. 36-37.)

adequadamente a importância do discurso médico e biotecnológico para a produção dos gêneros. A falha ao confrontar práticas normativas, especialmente em relação aos corpos intersexuais, indica, segundo ele, uma lacuna significativa da abordagem feminista (Preciado, 2018, p. 116).

Em sua argumentação, Preciado chama atenção para ativista Cheryl Chase (2018, p. 117), que utiliza a intersexualidade para questionar a categoria “mulher”. Chase argumenta que, ao expor a variabilidade e a complexidade das experiências intersexuais, a intersexualidade desafia a ideia de uma dualidade rígida e fixa de gênero. Minando a estabilidade dessas categorias, ela põe por terra sua suposta universalidade e mostra que podemos pensar as identidades de gênero pelo prisma da multiplicidade e da fluidez.

Retomando uma argumentação de Teresa de Lauretis sobre o sujeito do feminismo, Preciado critica a tendência deste em se concentrar exclusivamente na categoria "mulher" como se esta correspondesse a um grupo homogêneo. Para ele, esta abordagem pode servir, à sua revelia, como um instrumento de normatização e controle político, ignorando a diversidade e a complexidade das experiências vividas. Assim, Preciado sugere que o sujeito do feminismo deve ser reconhecido não como um grupo unificado, mas como um espectro dinâmico de identidades e experiências, abarcando uma ampla gama de variáveis como sexo, raça, classe, sexualidade, entre outras (2018, p. 118).

O terreno trilhado em *Testo Junkie* (2008), já havia sido preparado pela incisiva crítica às construções de gênero elaborada por Preciado em seu *Manifesto Contrassexual* (2002)¹⁹. No capítulo “A vagina de Adão”, o filósofo explorara as disparidades nas técnicas médicas de reconstrução genital, evidenciando o quanto o progresso das técnicas médicas de criação de órgãos genitais femininos não foi acompanhado pelas operações de faloplastia, que até hoje enfrentam limitações estéticas e funcionais significativas.

Em sua crítica às práticas médicas de reconstrução genital, Preciado destaca como essas intervenções não só refletem mas perpetuam estigmas sociais e desigualdades de gênero. A análise aceitação de resultados insatisfatórios em reconstruções genitais masculina é por ele interpretada como uma falha na resposta às necessidades da comunidade trans, além de deixar patente o quanto as concepções e valorações de gênero são moldadas por influências comerciais, políticas e biotecnológicas, um tema que é aprofundado em *Testo Junkie*.

Ao abordar no *Manifesto* o processo de vaginoplastia, Preciado detalha a técnica de inversão da pele do pênis utilizada pela clínica St. Joseph em Montreal (2014, p. 124-125). Este procedimento, que ilustra a complexidade e as inovações cirúrgicas envolvidas no processo de redesignação de gênero, envolve uma série de etapas, que incluem a incisão na pele do pênis e testículos, a remoção dos testículos, a preparação de um espaço para a vagina, a construção do

¹⁹ As datas referem-se às edições originais desses livros. As traduções brasileiras, citadas ao longo do trabalho são de 2018 e 2014, respectivamente.

clitóris a partir do corpo cavernoso e a inserção de um molde no lugar reservado à vagina.

O autor discute também a ideia de que, no discurso médico heterossexual, a masculinidade contém intrinsecamente a possibilidade da feminilidade. A técnica de vaginoplastia, vista como uma invaginação do pênis, sugere a existência de um modelo hermafrodita original na base da sexualidade masculina heterossexual e, por extensão, homossexual. Tal modelo desafia a percepção tradicional de sexualidade e gênero, sugerindo que a heterossexualidade depende da construção de sexos binários diferenciados, e que a masculinidade seria realizada através de um modelo que permitiria a transformação "natural" do pênis em vagina (Preciado, 2014, p. 125-126).

Na sequência, Preciado questiona a assimetria tecnológica na produção da diferença sexual, apontando que enquanto um pênis pode "devir vagina", a tecnologia médica não contempla um "devir-pênis" da vagina. As tecnologias médicas implicadas na atribuição de sexo revelariam, assim, os modelos ou matrizes de construção de gênero. Isso inclui o tratamento de bebês intersexuais pela medicina, a determinação do sexo e os procedimentos cirúrgicos destinados a reduzir a ambiguidade sexual. Esta análise destaca a relação entre masculinidade, heterossexualidade e hermafroditismo na construção social do gênero (Preciado, 2014, p. 127).

Para Preciado, a tecnologia sexual funciona como uma espécie de "mesa de operações" abstrata (2014, p. 127)²⁰, na qual as zonas corporais seriam categorizadas (ou não) como órgãos sexuais, tendo por base um imperativo anatômico-político. Esta definição de identidade sexual transcende os dados biológicos, uma vez que se apoia em técnicas visuais, discursivas e cirúrgicas. Para o autor, as cirurgias de mudança e reatribuição de sexo, longe de ser exceções – como em geral são vistas – são parte integrante de um sistema muito mais amplo de negociação da identidade sexual. A existência dessas operações e os regimes regulatórios que as cercam mostrariam que a identidade sexual "normal" é sempre resultado de uma complexa tecnologia biopolítica. Criticando a limitação e arrogância do discurso heterocentrado das instituições médicas, jurídicas e educativas, ele destaca como designações como "travesti", "intersexual" e "transsexual" podem ser vistas como marcadores desses limites. Em função disso, à despeito dos avanços do feminismo burguês e dos movimentos de liberação homossexual, as demandas de transexuais e intersexuais só começaram a ser ouvidas nos EUA a partir de meados dos anos 1990, e na Europa ainda estariam em seu início. Detalhando as várias cirurgias de redesignação de gênero, que resolveriam "problemas" de discordância entre sexo, gênero e orientação sexual, Preciado põe a nu o trabalho da tecnologia heterossexual na construção teatral e tecnológica da verdade natural dos sexos (2014, p. 129).

É com muita ênfase, como se vê, que o filósofo critica o sistema heterocentrado vigente nas instituições e discute a os processos de redesignação de gênero. Procedimentos como a vaginoplastia, a faloplastia e outros, não seriam assim meras respostas a "problemas" de

²⁰ O filósofo esclarece em nota que a formulação é de terceira mão: tomada de empréstimo do Foucault de *As palavras e as coisas*, ela teria sido elaborada originalmente por Raymond Roussel.

discordância entre sexo, gênero e orientação sexual, mas manifestações enfáticas do trabalho da tecnologia heterossexual. Ele argumenta que esses processos de "reatribuição" são uma segunda fragmentação do corpo, além de uma forma mais cara e visível de violência, devendo ser vistos como formas políticas de censura sexual que incluem a proibição da mudança de sexo, a violência e o custo elevado dessas operações (Preciado, 2014, p. 129).

Ao abordar a atribuição de sexo como uma primeira fragmentação do corpo, o autor faz uso do termo "invocação performativa" de Judith Butler. Segundo este, a ecografia e outros métodos funcionam como uma espécie de prescrição de sexo feita antes mesmo do nascimento e continuamente reiterada ao longo da vida. As operações de redesignação representariam, assim, uma segunda reatribuição, responsável por literalmente redesenhar os órgãos de modo a produzir uma nova coerência, visando por regra a heterossexualidade. A mesa de atribuição da masculinidade e da feminilidade centralizaria os órgãos sexuais como geradores da totalidade do corpo (Preciado, 2014, p. 130). Os órgãos sexuais não seriam vistos, portanto, simplesmente como órgãos *reprodutores*, mas também como *produtores* da coerência do corpo humano. Preciado destaca como é considerado monstruoso dentro desta lógica um corpo sem sexo, uma vez que seria impossível reconstruir neste a totalidade do corpo como sexuado a partir de um órgão periférico. Os corpos intersexuais desafiam assim frontalmente a mecânica mesma da atribuição de sexo, questionando as categorias binárias de identidade e diferença, macho e fêmea. A semelhança das tecnologias usadas para atribuir sexo em crianças intersexuais e em pessoas transexuais deixa claro o quanto ambas são formas de lidar com "incompletudes" ou "excessos" através de operações cirúrgicas (Preciado, 2014, p. 131).

Questionando as normas rígidas de atribuição de sexo e gênero, Preciado ressalta a complexidade e os desafios enfrentados por indivíduos intersexuais. Ele aponta como as cirurgias de atribuição de sexo em crianças intersexuais, influenciadas pela teoria de John Money, são construções sociais que reforçam a diferenciação binária de gênero. Em sua argumentação, os indivíduos intersexuais são postos no centro do debate: por sua existência mesma, eles desafiam a construção tradicional da diferença sexual e ressaltam a necessidade de repensar e inovar nas abordagens médicas e sociais. Esta perspectiva é crucial para entender que a transexualidade e a intersexualidade, bem como as operações de redesignação de gênero, não são simplesmente "exceções", mas parte de um sistema mais amplo que opera definindo e impondo normas de gênero e sexualidade.

Em suma, esse capítulo do *Manifesto Contrassexual* oferece uma análise profunda e desafiadora sobre a intersexualidade e a construção da diferença sexual. Ao colocar os indivíduos intersexuais no centro do debate, Preciado desmantela as normas binárias de gênero e sexualidade, expondo as limitações e as arbitrariedades das práticas médicas e sociais. Sua abordagem não apenas questiona as normas existentes, mas também abre caminho para uma compreensão mais inclusiva e

multifacetada da identidade sexual e de gênero, desafiando-nos a repensar e reestruturar as convenções sociais e médicas vigentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo dos desafios enfrentados pelos corpos transexuais e intersexuais, deixa patente uma contradição intrínseca nas formas como a sociedade lida com a diversidade de identidades de gênero e corpos. Enquanto o corpo transexual muitas vezes é submetido a questionamentos incessantes sobre sua capacidade de construir sua identidade de gênero, o corpo intersexual é frequentemente submetido a um processo de desfazimento, no qual sua singularidade e complexidade são desconsideradas em prol de normas binárias estritas de sexo.

No caso do corpo transexual, a sociedade muitas vezes duvida da legitimidade de sua identidade de gênero, impondo a exigência de provas e questionando sua autenticidade. Esse corpo é visto como algo que deve ser "fechado" para corresponder às normas binárias tradicionais de gênero, buscando se alinhar com os padrões masculinos ou femininos estabelecidos. No entanto, ao limitar a capacidade do corpo transexual de se configurar e expressar de acordo com sua identidade própria, ignora-se a autodeterminação e a experiência subjetiva desses indivíduos.

Por outro lado, o corpo intersexual muitas vezes é submetido a intervenções médicas invasivas, com o objetivo de "corrigir" sua condição e enquadrá-lo em uma categoria binária de sexo. Essas intervenções ignoram a diversidade e complexidade dos corpos intersexuais, desconsiderando sua singularidade e impondo padrões normativos de corpo e identidade de gênero. O corpo intersexual é desfeito, submetido a cirurgias e tratamentos que têm enormes impactos físicos, emocionais e psicológicos.

Ambos os casos apontam para as limitações impostas pelas normas de gênero, que resultam em exclusão e violência. Nesse contexto, a convergência das perspectivas de Donna Haraway e Paul B. Preciado destaca a importância de questionar e desafiar essas normas. Isso envolve o reconhecimento da diversidade de experiências e a valorização da autodeterminação dos indivíduos em relação a seus corpos e identidades de gênero.

Além disso, a discussão sobre as tecnologias de incorporação e os processos de transformação corporal parece abrir uma perspectiva mais abrangente, e otimista, não apenas sobre a (fluidez d)as identidades de gênero, mas sobre o que podemos pensar e esperar da interconexão entre humanidade e tecnologia. Estas nos convidam a abandonar a busca por fronteiras rígidas entre masculino e feminino, abrindo espaço para a aceitação das ambiguidades de gênero e das singularidades individuais ou, porque não dizer, da multiplicidade.

A Metamorfose de Franz Kafka, obra da qual partimos, nos apresenta uma visão profunda e complexa sobre a natureza da identidade, que ressoa de maneira notável com as questões contemporâneas da identidade intersexual e de gênero. A metamorfose de Gregor Samsa transcende a mera transformação física e nos conduz a uma exploração das camadas mais profundas da identidade e da busca por aceitação em uma sociedade que muitas vezes impõe padrões rígidos e normativos.

Assim como Gregor é forçado a se adaptar a uma nova forma de existência que desafia as

convenções tradicionais, as pessoas intersexuais frequentemente enfrentam a necessidade de se ajustar a identidades de gênero que não se encaixam nos moldes estabelecidos. A história de Gregor ecoa a luta por aceitação e compreensão enfrentada pelas pessoas intersexuais, que são muitas vezes marginalizadas e estigmatizadas.

A metáfora da metamorfose também nos convida a repensar as noções convencionais de normalidade e a questionar a busca incessante por categorizações rígidas de gênero e sexualidade. A discussão sobre o ciborgue e a homossexualidade molecular franqueiam outras vias para pensar a complexidade inerente às questões de identidade, destacando a fluidez e a transversalidade como parte das experiências humanas.

A nosso ver, as obras do filósofo Paul Preciado, em particular *Testo Junkie* e o *Manifesto Contrassexual*, oferecem uma análise não só desafiadora, mas revolucionária das normas de gênero e sexualidade. Ao colocar os indivíduos intersexuais no centro do debate, Preciado lança luz sobre a arbitrariedade das normas binárias de gênero e sexualidade, e expõe as limitações e violência das práticas médicas e sociais. Esta abordagem disruptiva não se limita a questionar as normas vigentes, mas também pavimenta o caminho para uma compreensão mais inclusiva e multifacetada da identidade sexual e de gênero. Preciado desafia-nos a repensar e reestruturar as convenções sociais e médicas vigentes, promovendo um olhar mais crítico sobre como o gênero é construído e vivenciado.

Além disso, a ideia de que o gênero emergiu de discursos biotecnológicos, conforme discutido em *Testo Junkie*, ressalta a complexidade da intersexualidade. Ao se posicionar fora dos limites binários de gênero, a intersexualidade questiona a essência do que é considerado "mulher", desafiando as definições tradicionais e simplistas de gênero. Essa abordagem é vital para entender a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e abrangente no feminismo e nos estudos de gênero, reconhecendo a diversidade de experiências e identidades que compõem o espectro humano.

Em suma, este trabalho abordou a complexidade da experiência intersexual buscando interconectar perspectivas distintas, todas unidas pela temática da "metamorfose". A obra de Paul B. Preciado, em especial, se destaca como um pilar fundamental para a compreensão contemporânea das identidades de gênero e sexualidade. Sua análise das construções de gênero e sexualidade, e especialmente a discussão acerca da intersexualidade, não se limita a questionar as normas existentes, mas propõe uma compreensão mais fluida e inclusiva das identidades humanas.

Apesar de situarem-se em contextos distintos, as *Metamorfoses* de Ovídio e de Franz Kafka já sugeriam o intrincado dos temas de transformação e busca por identidade que estiveram no centro do nosso estudo. Sem oferecer qualquer resposta definitiva, Kafka nos incita a refletir e explorar as múltiplas facetas da identidade humana, como fazem também, a seu modo, as muitas provocações de Paul Preciado.

Juntas, essas perspectivas sublinham a importância de reconhecer e aceitar a diversidade e a

complexidade da experiência humana. Elas enfatizam que compreender a nós mesmos e aos outros é um processo contínuo, que demanda uma constante *metamorfose* em nossos pensamentos e percepções. Reforçando a necessidade de uma abordagem mais aberta e compreensiva em relação às diversas formas de identidade e existência, elas destacam as múltiplas possibilidades que compõem o mosaico da experiência humana e ampliam, me parece, a compreensão da intersexualidade e das possíveis implicações de uma maior reflexão sobre ela para a sociedade atual.

**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**

- ANDERS, Günther. *Kafka: Pró e Contra - Os Autos do Processo*. Tradução, posfácio e notas por Modesto Carone. 2ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CABRAL, Mauro. “En estado de excepción e intervenciones sociomédicas”. In: CÁCERES, Carlos F. et al. *Sexualidad, estigma e derechos humanos: desafíos para el acceso a la salud en América Latina*. Lima: FASPA/UPCH, 2006, pp. 69-90.
- CARONE, Modesto. *Lição de Kafka*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. “A metamorfose” (1983) in KAFKA, Franz. *Essencial Franz Kafka*. Seleção, introdução e tradução de Modesto Carone. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011, pp. 211-225.
- DUTTLINGER, Carolin. *Kafka in context* (2018), Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- FAUSTO-STERLING, Anne. *Sex / Gender: biology in a social world*. Lillington, Carolina do Norte: Routledge, 2012
- FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses: une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard, 1966.
- _____. *Vigar e Punir: O Nascimento Da Prisão*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. *Historia da Sexualidade I: Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- _____. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola: São Paulo, 2006.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: edições graal, 2007.
- FREITAS, Fernando; PASSOS, Eduardo Pandolfo; CUNHA FILHO, João Sabino L. da. (2002), "Estados intersexuais", in Fernando Freitas, Carlos Henrique Menke, Waldemar A. Rivoire, Eduardo Pandolfi Passos (orgs.), *Rotinas em ginecologia*, Porto Alegre, Artmed, 2002..
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Estética e experiência histórica em Walter Benjamin” in *Limiar, aura e rememoração – Ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014, pp. 197-216.
- HARAWAY, Donna. "Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista no Final do Século XX". In: Tomaz Tadeu da Silva (Org. e Trad.). *Antropologia do Ciborgue: As Vertigens do Pós-Humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 37-129.
- _____. “The Promises of Monsters: Reproductive Politics for Inappropriate/d Others”. In: HARAWAY, Donna. *The Haraway Reader*. Londres: Routledge, 2004.
- HAUSMAN, B. L. “Do Boys Have to Be Boys? Gender, Narrativity, and the John/Joan Case”. In: *NWSA Journal*, v. 12, n. 3, p. 114–138, 2000.
- KAFKA, Franz. *Essencial Franz Kafka*. Seleção, introdução e tradução de Modesto Carone. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- _____. *A metamorfose*. Tradução e posfácio Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- KUNDERA, Milan. “Kafka’s World.”. In: *The Wilson Quarterly* (1976-), v. 12, n. 5, 1988, pp. 88–99. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40257735>. Acesso em: 5 fev. 2024.
- LEITE JÚNIOR, Jorge. *Nossos Corpos Também Mudam: Sexo, Gênero e a Invenção das Categorias 'Travesti' e 'Transexual' no Discurso Científico*. 2008. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo.
- MACHADO, Paula Sandrine. "O Sexo dos Anjos: Um Olhar Sobre a Anatomia e a Produção do

- Sexo (Como Se Fosse) Natural." In: *Cadernos Pagu*, n. 24, jan./jun. 2005, pp. 249-281.
- MIGUET, Marie. Andróginos. In: BRUNEL, Pierre. (Org.) *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- MONEY, John. *Sex Errors of the Body and Related Syndromes: A Guide to Counseling Children, Adolescents, and Their Families*. 2. ed. Baltimore: P.H. Brooks Publishing Company, 1994.
- MORLAND, Iain; WILLOX, Annabelle (eds.). Queer Theory. In: BELSEY, Catherine (Gen. Ed.). *Readers in Cultural Criticism*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.
- MURUGARREN, M. Reflexões autobiográficas sobre a representação de corpos intersex e ativismo cultural. *Revista Periódicus*, [S. l.], v. 1, n. 16, p. 190–199, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/42935>. Acesso em: 14 set. 2023.
- OVÍDIO. *Metamorphoses*. Tradução de Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017. 3ª Reimpressão 2021.
- PINÓ, Nádía Perez. “A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos”. In: *Cadernos Pagu*, n. 28, jan./jun. 2007, pp. 149-174.
- PRECIADO, B. Paul. *Manifesto Contrassexual: Políticas Subversivas de Identidade Sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- _____. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- SALEIRO, Sandra Palma (Org.); RAMALHO, Néelson; MENEZES, Moisés Santos de; GATO, Jorge (Perito convidado). *Estudo Nacional sobre as necessidades das pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão*. Cidade do Porto: Comissão para Cidadania e Igualdade de Gênero (CIG), abril 2022.
- Disponível em: https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2022/05/Estudo_necessidades_pessoas_LGBTI_discrimina_orienta_sexual_id_express_genero_caractrstcs_sexuais.pdf. Acesso em: 23 de outubro de 2023.
- SILBERMAN, L. “Mythographic Transformations of Ovid’s Hermaphrodite”. In: *The Sixteenth Century Journal*, v.19, n. 4, p. 643–652, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2540991>. Acesso em: 03/02/2024.
- THOMAS, Barbara. (2006), "Report on Chicago Consensus" – Conference October 2005. Disponível em: <http://www.aissg.org/PDFs/Barbara-Chicago-Rpt.pdf>. Acesso em 10 fev. 2023.
- WIJNGAARD, Marianne Van Den. *Reinventing the sexes: the biomedical construction of femininity and masculinity* Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 1997.